

Entrevista Clara Nemas¹

Entrevista concedida pela psicanalista Clara Nemas, em 03 de junho de 2016, para o público do XVIII Simpósio da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e os representantes da Comissão Editorial da Revista de Psicanálise da SPPA: Lúcia Thaler, Denise do Prado Bystronski e Suzana Golbert.



¹ Psicanalista de crianças e adolescentes, membro titular com função didática na Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

RP – *Que aspectos a senhora considera terem sido mais importantes na sua formação analítica e que influências recebeu dentro e fora da psicanálise?*

Clara Nemas – Muito obrigada por esta possibilidade. Meu contato com a psicanálise deu-se em um ambiente como Buenos Aires, onde a psicanálise teve e tem muita difusão desde muitos anos. Certamente que, em algum momento, teria me colocado em contato de qualquer forma, mas o que aconteceu foi que me ocorreu algo que, mais tarde, encontrei nas biografias de outros analistas e me chamou a atenção a coincidência. Tanto na vida de Melanie Klein, como na vida de Meltzer, encontrei que na adolescência deles, em algum momento, tinham tido contato com alguém que lhes havia presenteado com um livro de psicanálise em geral ou com as conferências introdutórias ou a interpretação dos sonhos. Por volta dos dezesseis ou dezessete anos, contam ter sido a época em que tiveram este primeiro contato e o interesse que a psicanálise lhes despertou.

Pensei não ser casualidade que nosso primeiro contato com a psicanálise tenha se dado, para muitos de nós, na adolescência, justamente o período em que as perguntas por nossa identidade se colocam e que se nos abre o mundo com uma série de enigmas, de interrogações. Então eu estava entre os quinze e os dezesseis anos e fizera uma viagem, muito impressionada porque era a primeira vez que me separava da minha família. Aconteceu que, nessa viagem, uma coordenadora me aproximou de algumas ideias da psicanálise. Decidi, então, começar a estudar psicologia. Esse também foi o momento do primeiro golpe que vivi, pelo menos na Argentina, o de Onganía em 1976. Eu fazia psicologia, e foi promulgada uma lei segundo a qual os psicanalistas só poderiam trabalhar em psicanálise sob a chefia de um médico. E eu, aos dezesseis anos, me disse: “Não, isso jamais. Não vou ter um chefe em cima de mim para poder trabalhar como psicanalista”.

O que eu pensava da psicanálise nessa época não é fácil de dizê-lo hoje em dia, exceto que eu estava bastante interessada. Decidi fazer o primeiro ano introdutório do ciclo de medicina e começar a cursar, embora não fosse a carreira que tinha pensado fazer na vida. No entanto, apesar de respeitar enormemente a faculdade de psicologia e meus colegas psicólogos, penso que, talvez, eles tenham uma formação bem mais leve do que a que recebemos como médicos. Agradeço, então, pelo que me aconteceu quanto à medicina, porque eu teria passado pela minha vida de jovem muito mais, talvez, ao largo das dificuldades da dor humana e das doenças, muito protegida que eu era em um ambiente familiar.

A medicina me colocou fortemente em contato com aspectos da vida que até esse momento eu desconhecia. Estava ali em outro mundo. Além disso, esse

foi um primeiro momento em que entrou em cena a vocação para um trabalho, que foi muito importante e intenso ao longo dos seis anos de graduação. Mas já no terceiro ano um grupo se formou. Nessa época eu e Virginia Ungar tínhamos decidido começar a estudar a psicanálise, porque queríamos ser psicanalistas. Andamos por vários consultórios onde não éramos entendidas de modo algum, pois além de bastante jovens – faziam parte desse grupo quatro estudantes de medicina e quatro de psicologia – nos desprezavam muito e com razão (risos). Até que fizemos contato com Elisabeth Bianquet, que nos acolheu em seus braços e em sua mente ampla.

Nos reuníamos com ela uma vez por semana para estudar Freud nos três últimos anos de nossa graduação como médicos. Isso foi imensamente importante como abertura e acompanhamento, pois lembro o que era ser plantonista nesse momento. Chegava alguém e eu perguntava o que lhe acontecera, ao invés de apenas medir a pressão. Então, a senhora [paciente], que vinha apenas para medir a pressão, relatava estar muito indignada, muito braba terminando por contar que ficara viúva no dia anterior, por exemplo. Essas coisas aconteciam comigo ao escutar tais pacientes.

Os anos foram passando, e eu, que já me analisava, decidi ir para a Inglaterra durante um tempo. Lá tive a sorte de me manter em contato com alguns analistas como John Steiner, meu chefe, Malcom Paez – não lembro todos os nomes – e Michael Feldman. Era um grupo de pessoas jovens também. Um contato que chamava a atenção, porque era interessante ver como o que havíamos aprendido a pensar, com Elisabeth [Bianquet], sobre Freud me havia dado uma base importante para trabalhar e seguir aprendendo.

Fora da formação em psicanálise, houve outras influências; a literatura e o cinema, que sempre me interessaram. E ainda a participação em grupos juvenis nos quais havia muito interesse por entender as questões sociais. Acho que tudo isso foi me aproximando de um olhar indagador sobre as questões do mundo humano. Assim, pude realizar um voo maior, pessoal, no sentido da liberdade. Comparando com o que aconteceu na Inglaterra e o que segue ocorrendo já há muitos anos, por exemplo, com o grupo kleiniano – houve uma grande liberdade na formação que nos deram professores tais como Horácio Etchegoyen, com quem estudei e supervisionei durante anos, mais Elisabeth e Benito Lopez. Nenhum de nós poderia dizer com quem nos analisávamos, nem com quem estávamos supervisionando, não sei se consigo lhes transmitir isso. Obviamente havia uma trama de teorias psicanalíticas, cada um sabia mais ou menos por onde andava, mas não éramos repetitivos, tivemos, sem dúvida, uma enorme liberdade para crescer. O que não é habitual e que penso ter a ver com uma época da psicanálise. Em outros

períodos havia mais rigidez, mais sujeições, mais questões a ver com a política e não apenas com a psicanálise. O que me leva a pensar que as minhas influências foram devidas aos meus professores do primeiro contato na adolescência, quando lemos os clássicos. Algo nesse momento da nossa vida nos deu essa abertura para a busca em profundidade de uma visão da mente humana.

RP – *Como a senhora trabalha com os pais no atendimento psicanalítico de adolescentes, uma vez que não mais atende crianças?*

Clara Nemas – Tenho uma visão do quanto é difícil ser pai e mãe; podemos compor vínculos bastante fortes com as crianças e com os adolescentes com relação a que pais eles tiveram. Então, dou, internamente, um espaço aos pais, já que atendo muitos adolescentes. E sim, vejo os pais dos pacientes adolescentes. Quando o primeiro contato comigo vem dos pais, eu os vejo antes. Quando vem do adolescente, é com este. Na atualidade, tenho um critério não tão rígido como já tive em outros tempos. Não me baseio tanto na ideia da confidencialidade profissional. Penso que a confidencialidade e o segredo têm um aspecto um tanto rígido. Penso que a discrição e o respeito são qualidades da personalidade e da atitude analítica mais valiosas que a confidencialidade.

Em outra época, quando os pais me chamavam, eu dizia: “Você tem que saber que eu vou dizer tudo, ao menino, do que vocês me falarem e nunca vou dizer a vocês sobre o que o menino me disse”. Eu agora sigo outro critério: que eles saibam da minha discrição e de reconhecer aquilo que posso falar ou não. Claro que não sobre o material do filho, quando eu vejo os pais, mas com um respeito maior sobre o que os pais possam me contar, em um espaço de intimidade com relação ao que eu vou transmitir ao adolescente. Dessa maneira, me conduzo com mais respeito e menos rigor sobre o que deve ser feito do que o de um superego psicanalítico.

Plateia – *Você combina isso com o adolescente?*

Clara Nemas – Sim, eles sabem. Primeiro sabem que poderiam estar presentes na sessão com os pais, mas na maioria das vezes não querem, querem preservar seus espaços. Trato, também, de não ter um vínculo muito frequente e que o consultório não seja um lugar de invasão, de pais muito invasivos e tampouco de uso da sessão analítica para fins próprios. Por exemplo, jamais daria aos pais um horário do paciente, obviamente. A outra coisa em que penso muito é que se o pai me liga ou a mãe, há algo que levou a isso. Teria que trabalhar primeiro quem traz quem e o quanto há de lealdade desse paciente em relação aos pais. Então a

lealdade, o temor por uma transferência que leve o amor dos pais ao amor pela analista, ou a culpa ou outros fatores que podem levar ao temor de ficar a sós com outro adulto, tudo isso me parece que deve ser trabalhado nas sessões com o paciente e oferecer um outro espaço aos pais. A ideia de entrevistas parentais que muitas vezes fazemos, também a vejo como importante sempre que tenhamos afinidade com quem está tratando os pais e que siga um critério semelhante sobre o trabalho. Cada situação deve ser examinada no sentido de colaborar no entendimento do que se passa na sessão.

RP – *A senhora acha que ocorreram modificações em sua técnica ao longo dos anos?*

Clara Nemas – Talvez a mais explícita seja o trabalho com a transferência positiva e negativa. Impressionou-me muito ler em Elizabeth Spillius – *Encounters with Melanie Klein* – que John Steiner está pesquisando os arquivos de Melanie Klein graças ao que ela, Elizabeth Spillius, fez e mais alguém da Suíça cujo nome não recordo.

São arquivos até há pouco fechados. Nesses arquivos podemos ver M. Klein, preocupadíssima sobre o que estaria acontecendo com os psicanalistas, que estariam vendo tudo como agressão e mais agressão. Não entendem, ela menciona, que o conflito é com o amor, se não há conflito com o amor, a agressão não pode ser interpretada. Atualmente, segundo Spillius, tudo é inveja e mais inveja, ela também se mostrando preocupadíssima pelo modo como seus discípulos aprenderam sobre a hostilidade, sem se darem conta do conflito com o amor.

Isso me impressionou bastante e, no meu trabalho com Horácio Etchegoyen, em supervisão, trabalhei bastante, ele tendo sido muito generoso comigo. Publicamos um trabalho juntos no *International Journal* sobre inveja que se chama *O dilema de Salieri: contraponto entre inveja e apreço* sobre Mozart e Salieri, porém com uma via de saída para a interpretação da inveja; julgo que talvez seja uma das minhas modificações técnicas mais decisivas. De outras, eu não me dou conta. Esta eu trabalhei muito e tem a ver com a ideia de que há algo do apreço, da bondade do objeto que se relaciona com a inveja. Se não há o apreço, a capacidade de apreciar algo bom do objeto, não o invejamos.

Melanie Klein situou sua ideia mais entre a inveja e a gratidão. A gratidão é complicada, não? Mas talvez também a tenha situado entre inveja e admiração, porque ela se refere ao caso Erna em termos de admiração, em se apreciar algo porque tem *algo* para ser admirado. Vocês devem ter visto que o filme de Milos Forman não reflete a realidade entre Mozart e Salieri. Salieri o apoiou, ligou-se

muito com a família de Mozart. Sobre isso, como se chamava o autor que escreveu a ópera *Amadeus*? Não lembro, mas foi nele que se baseou Milos Forman para o filme. Este escritor se sentia pouco reconhecido e, em alguma medida, se identificou com a fantasia sobre Mozart de que Salieri tentara envenená-lo. Entretanto, quando termina o filme, Salieri diz: “Deus, por que me destes a capacidade de ser o único que poderia reconhecer verdadeiramente o valor da música de Mozart?”.

Penso ser essa uma mudança importante na capacidade de ajudar alguém a sair da prisão do que pode provocar a interpretação da inveja ou a interpretação da hostilidade sem a via de saída pelo apreço ou pelo amor. Outra coisa interessante, dita por Etchegoyen, foi que, para os jovens era muito difícil se colocar em contato com a transferência negativa e interpretá-la, enquanto para os mais velhos nos custava também interpretar a transferência positiva. Eu pensei: “Claro, a transferência positiva pode te levar a uma ideia um tanto grandiosa, a crer ser o objeto primário. Isso corre o risco de se tornar *O* e o risco de enlouquecer se tu acreditas realmente no objeto primário”. Creio serem essas algumas mudanças importantes a ver, por um lado, com contato com professores e, por outro, com a evolução da nossa vida, frente às dificuldades humanas, que todos atravessamos.

RP – *Em sua experiência clínica, com filhos de casais homoparentais, as chamadas novas parentalidades, a senhora tem observado modificações no conteúdo das teorias sexuais infantis e nas fantasias referentes à cena primária e ao complexo de Édipo comparativamente àquelas do século XX descritas por Freud. Em sua opinião segue vigente a importância da aceitação da diferença anatômica entre os sexos na constituição do sujeito?*

Clara Nemas – Esta eu poderia ter lido antes (risos). Não tenho experiência com atendimentos de crianças de casais homoparentais. Há pouco tivemos uma reunião na APdeBA com alunos do último ano do ensino médio com dúvidas sobre cursar psicologia ou medicina, mas interessados de alguma maneira na psique. Vieram, então, onze adolescentes muito bons que faziam perguntas a nós, psicanalistas da APdeBA. Falaram três coisas: primeiro, que estavam surpresos com tantas pessoas mais velhas na instituição; segundo, nos perguntaram – o que é muito interessante e que retomarei quando falarmos sobre a adolescência – como foi trabalhar na época do regime militar. A terceira, feita durante uma entrevista de avaliação, depois de todas essas reuniões, foi: “Nos surpreendeu que falaram tanto das novas famílias, para nós isso é muito habitual”.

Então, pensei o seguinte: vamos observar mudanças nos conteúdos das teorias sexuais infantis e fantasias referentes à cena primária, ao complexo de

Édipo, comparativamente àquela do século XX escrita por Freud? Ou vamos poder construir nós mesmos outro modo de ver e isso há de nos custar muito trabalho e tempo? São essas somente descrições ou também construções? Como construímos o que descrevemos? Podemos descrever por fora de uma construção, de um modelo teórico, podemos pensar sem o preconceito, mas não o preconceito no sentido pejorativo e sim o pré-juízo do que vemos, observamos, tudo está muito moldado. Em uma supervisão recente, a analista falava com a paciente em termos do pai e da mãe e a paciente adolescente pensava em sua autonomia e em ter aulas para aprender a dirigir. O pai fizera um grupo de WhatsApp para a família, deixando de fora a mãe. Claro, a mãe gritou aos céus obviamente. A analista, por sua vez, interpretava a configuração edípica na família, algo absolutamente correto. Quanto a mim, eu pensava que a maneira de explorar essa situação era pensando na psicanálise como o pai, na analista como a mãe e nessa menina como a paciente, já pensando que, lá no horizonte, se governaria sozinha, ou seja, terminaria a análise.

Essa analista gritaria ao céu se essa paciente criasse um contato direto com a psicanálise por fora da analista no momento em que as sessões [a análise] terminassem? No momento em que fora capaz de pensar por si mesma, psicanaliticamente também, em alguns de seus problemas? Não sei se consigo lhes expressar o que quero dizer. Ocorre que construímos teorias, mas temos que ouvir mais esses adolescentes que nos falaram: “E vocês por que nos perguntam tanto pelas novas famílias? Para nós já não são novas, são habituais”. Ainda os contos infantis e as histórias seguem sendo de príncipes e princesas. Ainda não ouvi sobre uma relação homossexual de dois príncipes homens ou de duas princesas mulheres. Ainda não, mas vejamos o que vai acontecer. Os contos, os mitos, as questões que as crianças vão armando, as histórias que nos narram nas sessões, através delas podemos observar se vai se armando algo diferente e se estamos imersos nessa situação.

A propósito lhes conto algo que aconteceu com uma paciente minha, adolescente; ela foi para a Columbia University, mas seguimos as sessões por Skype. Ela ficou muito impressionada e mesmo braba porque tiveram uma semana de reuniões, que se chamava *Sob o mesmo teto*, com os colegas novos, meninos vindos de todos os lugares do mundo. Tudo tinha a ver com a aceitação das diferenças, culturais, sexuais, alteridade, um monte de situações muito presentes no meio da Universidade de Columbia, mas que para ela, que frequentara um colégio particular da Argentina, não eram tão vitais. Porém, o que mais a inquietou foi que cada um tinha que se pôr parado, embaixo de um cartaz, e dizer como gostaria que se referissem a eles: como *He* (ele) ou como *She* (ela), era a escolha. Porém,

havia outro cartaz que dizia *They* (eles). O que acham? Poderiam escolher serem chamados por um pronome feminino, ou masculino, ou múltiplo como os dois.

Recentemente, viajei pela Europa e notei algo que em Buenos Aires eu ainda não vi que é o corte de cabelo dos jovens; de um lado, não tem nada de cabelo e, do outro, tem muito. Ou seja, têm uma dupla cara. Homem de um lado e mulher do outro para os parâmetros da diferenciação sexual. Tudo isto contém muita história, aparece com a moda unissex quando éramos muito jovens ainda, ou seja, uma história muito longa que foi evoluindo sem que nos déssemos conta, mas cujo efeito vemos agora. Isso tem relação também com as possibilidades tecnológica [médica] e legal e me parece ser essa a novidade mais importante. A possibilidade legal de opção de sexo, porque não é sexo, é gênero.

Ocorreu uma situação na Argentina em que uma mãe entrou na justiça para a troca de documento de identidade do seu filho homem por filha mulher, de seis anos, e isso foi aceito. Ela disse “verdadeiramente meu filho se sente uma menina”, e a justiça aceitou, trocando o documento de identidade dessa criança. Por outro lado, temos muitas situações nas quais a tecnologia, a oferta de mercado, a mudança de sexo, tiveram um efeito deletério para algumas pessoas. Eu lembro que, há quarenta e dois anos, eu estava em Londres e houve um debate sobre uma pessoa que queria trocar de sexo. Era um homem casado, pai de quatro filhos, que após um acidente automobilístico quase mortal, decidira que não se sentia confortável em seu corpo de homem e queria a mudança de sexo. Para isso tinha que, primeiro, transferir todos os seus bens à esposa e aos filhos, a seguir passar um ano vivendo como mulher, para que, só então, o Estado lhe desse a cirurgia da troca de sexo.

Infelizmente não tenho notícias de como seguiu esse caso, mas tenho de outros que fizeram esta cirurgia. Para alguns o fato gerou uma sensação egossintônica, enquanto que, para outros, foi terrivelmente egodistônico. Assim que devemos seguir pensando, abertos e nos perguntando o quanto do que vemos está determinado realmente por mudanças que podemos observar e o quanto das nossas teorias permanecem no que observamos atualmente.

Plateia – *Sem o preconceito, certo?*

Clara Nemas – Ou nos dando conta do preconceito, porque não podemos nos livrar do preconceito, ou do que podemos tolerar e do que não podemos tolerar das mudanças que ocorrem. Porque há a ideia de que tudo se pode decidir. Vivemos um período de decisão radical digamos. O quanto podemos, nós analistas, seguir pensando que podemos ter uma visão crítica, uma visão de interrogação do mundo que não nos tape a boca nem a possibilidade de pensar? Seguir pensando que, em

algumas dessas situações, há uma patologia e em outras há um desenvolvimento vital que pode estar de acordo com o modo como essa pessoa pode viver melhor no mundo. Quanto a nós, que nos sintamos com o dever e direito de seguir pensando e dizendo o que pensamos.

Plateia – *Que é o que Freud também fez...*

Clara Nemas – Sim, sem sair tampouco de sua época. Foi alguém que trouxe algo tão revolucionário ao mundo como a psicanálise, a um mundo capaz também de recebê-lo, mas que tampouco sai de sua época, da situação do homem com muito a ver com o século em que vivia.

RP – *Temos observado entre os adolescentes deste novo milênio uma maior intensidade de sexualidade posta em atos, como experiências de bissexualidade, sexo grupal, entre outros. Essas vivências em períodos culturais anteriores ficavam mais restritas a fantasias, sonhos e sintomas. Em sua observação, elas dificultam ou auxiliam no processo de construção da identidade sexual? Já teríamos condições de avaliar o destino dessas experiências no desenvolvimento intrapsíquico?*

Clara Nemas – Podemos fazer a avaliação dessas experiências a partir de nossos pacientes individuais e ver o que aconteceu. Todavia, se socialmente já estamos em condições de fazê-lo, o problema é as mudanças ocorrerem tão rapidamente, que sempre vamos a reboque, tentando alcançar esse trem cada vez mais veloz. O fato de essa sexualidade se pôr em atos cada vez mais precocemente tem relação com a atual ideia da adolescência em nossos dias. Porque a sexualidade de nossas avós, tataravós, começava no que hoje chamaríamos adolescência e isso era o habitual. O que acontece é que a adolescência é também uma criação cultural e social de meados do século XX, depois da segunda guerra mundial. Tem muito a ver com a primeira guerra e com o que se deu com os mais jovens. Os *teenagers* apareceram depois dos anos cinquenta, como a adolescência. Que tipo de adolescência posta em atos é esta? A mim interessou bastante Florence Guinard quando diz: “Há uma maior liberdade para a sexualidade pré-genital”, ou seja, essa é a sexualidade que se exhibe. Já Meltzer, sobre a adolescência, diz que o poder dos pais, dos adultos com relação à sexualidade é o do conhecimento de um aspecto da vida. Os adolescentes pensam que o adulto exerce um tipo de poder: o da proibição, por exemplo, ou o de reter algo para si e não permitir aos não adultos o acesso a esse mundo privilegiado. Por outro lado, o tema do saber sobre a sexualidade faz parte disso, já que, antes, esse tema pertencia aos mistérios ou enigmas do mundo

dos pais. Hoje, tudo isso se mostra mais aberto, os jovens são bombardeados com a sexualidade desde a latência. Penso que a ideia de não haver fantasias ou curiosidade sexual na latência é coisa do passado. Inclusive, aparentemente, suponho que isso tenha a ver com questões sanitárias, há certa aceleração da menarca nas meninas. E há também o impacto sensorial da sexualidade, não só das imagens, mas também das famílias com novas configurações de namoros. Os adolescentes participam dessa vida sexual que passa a ser uma questão na vida familiar.

Então, penso que hoje há mais atos, porque, provavelmente, havia mais segredos. Hoje se inverteu a situação em grande parte com os adultos: são os adultos que se mantêm do lado de fora, curiosos sobre a sexualidade dos adolescentes. Mas o que tenho visto nesse pôr em atos mais cedo é uma grande decepção: “Isto é tudo? Por isso havia tantos segredos e proibições?” O *isto* estava supervalorizado. Penso, pois, que quanto mais cedo ocorrem as experiências, mais me encontro com essa curiosidade satisfeita, porém com a sensação de que não deve ser tudo. Então, aumentam os grupos homossexuais, as atuações que são mais explorações de um polímorfo perverso do que de uma atuação perversa, que acho que deve acontecer de algum modo. Acontecer no sentido de os adultos não intervirem demais. Outro tema importante, portanto, é que os adolescentes, hoje, são os que pautam também os ritos de passagem.

Tais ritos não cabem mais tanto à sociedade, embora devêssemos pensar até que ponto o mercado não intervém nas viagens de terceiro ano (do ensino médio) ou nas festas de terceiro ano. Seria necessário ver-se até que ponto não há algo de mercantil que se sobrepõe à cultura adolescente. Sobre os ritos mencionados, parte desses hoje em dia tem a ver com uma mulher beijar outra mulher, ou seja, a bissexualidade como algo mais natural. Em grupo vi menos. O que mais tenho visto são as aproximações homossexuais muitíssimo mais frequentes causadas pelo temor a uma relação heterossexual. Creio que essa sexualidade posta em atos, eu a veria mais como uma sexualidade pré-genital, exploratória e altamente decepcionante para os adolescentes.

Plateia – *Não tanto como algo patológico por si?*

Clara Nemas – Patológico por si não tanto, senão teríamos que dizer que uma sociedade é patológica ou que todo grupo é patológico. São coisas que estão ocorrendo e que impactam os jovens. Vejamos de que modo. Seria a repressão sexual menos patológica? Não sei. Era menos patológico que os meninos perdessem a virgindade com prostitutas? Por quê? Era menos patológico que as mulheres não tivessem relações sexuais antes do casamento? São questões de época que

produziram enormes danos pela repressão sexual, também pela hipocrisia social. Penso que o importante é detectar a hipocrisia social que olha para outro lado, não reconhece essas coisas, não fala, não dá lugar a que isto tenha um espaço na sociedade e que se possa pensar a respeito. Mas repito, não vejo por que isso seria mais patológico que a repressão sexual da época vitoriana, por exemplo.

Plateia – *A senhora falou em uma curiosidade que vai se extinguindo, se decepcionando. Mas essa overdose de exploração possível, que tem um lado bom, de não ser hipócrita, será que ainda está em busca de resgatar o mistério? Afinal, onde fica o mistério em meio a tanto segredo desvendado? Com tanta exploração que tudo desvenda?*

Clara Nemas – No mar, como dizíamos (risos). No mar. Não vai se revelar totalmente. Por outro lado, não penso que essa curiosidade seja boa ou ruim, ela apenas é! É o que está em curso. Em cada geração algo ocorreu, todas as gerações tiveram que enfrentar questões preocupantes para a geração anterior. A hipocrisia me parece que tem a ver com o não reconhecimento, por um lado, de como a sociedade adulta intervém e se beneficia economicamente, como os pais, às vezes, entram em confronto, em competição também com os filhos. Essas são as coisas que, para mim, mais se deve denunciar. Essa é a hipocrisia, não a da exploração das crianças. Acredito que a repressão sexual produziu muito dano. Era bom ou era ruim? Apenas era! Ou “é o que temos para o momento”, como dizemos agora.

RP – *Que influências a senhora atribui à experiência do psicanalista com a teoria e técnica da observação de bebês, no atendimento de crianças, adolescentes e até mesmo adultos?*

Clara Nemas – Creio que o contato com os primeiros momentos de desenvolvimento da mente, a formação dos vínculos com um objeto primário, nos ajuda a ter um respeito enorme pelo que é o desenvolvimento da mente. Me aconteceu algo quando visitei uma caverna pré-histórica. Na Galícia, em Ponte Vesgo, nos Valles Vasiegos, tem uma caverna pré-histórica com pinturas rupestres maravilhosas junto ao mar de quinze mil anos de idade. Os autores dessas pinturas saíam para o mar e eu pensava comigo: “Que coisa incrível eles terem conseguido enfrentar uma dimensão tão monstruosa com uma pequena canoa”. O mesmo se pode pensar de um astronauta no momento em que sai da cápsula espacial para o universo. Se não vestir um equipamento adequado e não tiver uma ligação com sua cápsula mãe, morre no espaço. Estas são as associações que em mim produzem

as observações de bebês. Ou seja, pessoas do mundo pré-histórico frente ao descobrimento de algo tão incomensurável (o mar) em um primeiro enfrentamento, quando começa a se armar a concepção da mente humana. Da mesma forma que se apresentaria o espaço para o astronauta, se apresentaria o mar bravo para os que saíam das cavernas enquanto outros lá ficavam.

Talvez tenham sido as mulheres as autoras dessas maravilhosas obras de arte na pedra, cuja protuberância aproveitavam para armar uma tridimensionalidade. São coisas que produzem uma comoção muito forte e são esses os meus pensamentos no momento da observação de bebês, na construção da mente humana. Tenho um quadro de Picasso [imagem adiante] no qual se vê uma mãe com um bebê. A mãe, com olhar ao longe, e o bebê tocando a sua boca. Estávamos, eu e meu marido, que é pediatra, frente a esse quadro, e ele me disse: “Quanto tempo esse bebê vai seguir chamando a atenção dessa mãe, tratando de atrair o seu olhar? Por quanto tempo vai insistir? Em que momento vai se esgotar? ”.

Mas, o quanto luta um bebê? O quanto luta uma mãe, um pai, uma família para acolher uma nova vida? Creio que é com isso que trabalhamos, com a mente humana, o seu desenvolvimento, os vínculos, o quão importante é acolher algo dessa necessidade e da nossa importância, não somente no plano transferencial, mas também a nossa importância real cada vez que suspendemos nosso consultório, por exemplo. Penso que isto nos dá um sentido que eu não sei se é de responsabilidade, mas de compromisso com o trabalho que fazemos. E penso que isso está presente na observação de bebês, nesse contato de uma pessoa com esses primórdios e que de tudo isso resultará, em seguida, o paciente que teremos no consultório. Tudo que, desse paciente, há de ser revivido no primeiro contato conosco.

Comento isso para lhes dizer como penso a análise, não só de crianças e adolescentes, mas a análise de adultos também. Porque minha concepção da estrutura da personalidade é a de ser semelhante a uma matriosca² – evidentemente os pacientes também me falam disso, porque, quando viajam, eventualmente me trazem alguma matriosca. A ideia é que essa face infantil, do bebê em nosso paciente, nós não vamos buscá-la no passado, na regressão, mas vamos buscar dentro, está presente. O grande tema é escutar o que diz um bebê, uma criança de dois anos, um adolescente, um velho dentro dele. Porque essa parte adulta, o gordo de fora, é a ventríloqua desses distintos aspectos, que, às vezes simultaneamente, brigam para conseguir se expressar, seja através da ação, seja através da palavra. Mas quem está se expressando desde dentro? E é isso que precisamos ouvir, escutar.

² N.R.: Tradicional conjunto de bonecas ocas de madeira de origem russa, geralmente em número de 6 ou 7, de tamanhos diferentes, em que uma se encaixa perfeitamente dentro da outra, da maior a menor.

Às vezes, estar em contato com os bebês nos dá inspiração, modelos, para colocar em palavras, não importa a idade do paciente, algo que, por exemplo, Melanie Klein chamou *memories in feelings*, memórias em sensações. Outros autores, como os Botella, nesse momento estão trabalhando as recordações sem memórias, que é o acesso a algo não registrado, a memória do não ocorrido. Porque, na observação de bebês, temos a observação – sem atuar –, o registro da observação e logo a comunicação no grupo.

Então, o que ocorre é todo um processo elaborativo que nos dá, na linguagem verbal, um monte de possibilidades conjecturais e, na mente, inúmeras possibilidades de conjecturas imagináveis de não ver esse senhor com barba como um adulto, mas ver no divã também um bebê que chora desesperado porque não sabe se alguém virá socorrê-lo. Porque não importa muito que quem venha esteja mal ou bem-humorado, mas, sim, que venha, que exista alguém nesse mundo. Tudo isso me parece que é algo não só da observação de bebês, mas se a fazemos, a observação de bebês, estaremos em contato direto com esse mundo. É uma ferramenta a mais.

RP – *Em sua opinião quais os impasses de maior relevância que enfrentamos na atualidade na psicanálise da infância e adolescência? Esta é uma pergunta que tem a ver com todo este simpósio.*

Clara Nemas – Penso que as maiores dificuldades que encontramos na infância e adolescência são os adultos. Adultos muito perdidos enquanto saber o que fazer. Muitas coisas aconteceram muito rápido. Eu lembro que, quando me compraram um sapato com saltos, eu tinha quatorze anos, e foi um momento de comoção realmente. Eu tinha saído sem e voltei para casa com os saltos. Agora, quando compramos um celular para uma criança? Com que idade? Quem tem um registro prévio, exceto pais muito jovens, de com que idade lhe compraram um celular? Quando é adequado comprá-lo? Tenho uma situação familiar, uma neta de doze anos com opiniões para tudo; ela não quer um celular, porque não quer cair no negócio das marcas de celulares. Mas os pais querem que ela tenha um celular, porque assim ficam mais tranquilos, vão poder se comunicar. Então, há certo desconcerto no mundo adulto. Eu acho que nos chamarmos de imigrantes digitais é muito adequado porque se parece muito com a situação de imigrantes dos nossos pais ou avós quando chegaram à Argentina, ao Brasil. Não sabiam o idioma, os filhos o usavam melhor do que os pais. Com o tempo foram entendendo como eram os códigos sociais. Isto ocorre agora em um ritmo bem mais acelerado porque somos imigrantes muito mais continuamente, em cada momento, as coisas

estão mudando muito rapidamente. Então, se me perguntam qual o impasse mais relevante à nossa frente, digo que tem a ver com um mundo adulto desconcertado.

Plateia – *Em sequência a essa ideia ou a essas ideias todas, poderia nos falar sobre a sua experiência com o infantil, com a criança e o adolescente de um paciente adulto no divã? E sobre a relação analista/paciente com esses protagonistas, no momento adulto de um e infantil do outro?*

Clara Nemas – Na verdade eu penso que essa é uma experiência cotidiana, ou seja, ver os diferentes níveis em que se sente um paciente. Por exemplo, no seu trabalho, tem alguém [outro] que recebe a atenção do chefe e ele se vê excluído, o que o deixa muito humilhado, excluído e com uma necessidade que não pode de maneira alguma metabolizar. E acontece que o paciente me conta isso depois de eu ter suspenso uma sessão e que o tema surja como um desejo de interromper a análise, ou de ele também tirar férias. Temos de poder trazer para a transferência, ou para a sessão, este estado infantil de alguém que está tão ferido, ofendido. E fazer isso com o cuidado de não deixá-lo se sentir diretamente uma criança e poder falar. Talvez seja isso o que me ocorre: poder falar, ao aspecto adulto desse paciente, sobre a criança. Isso, talvez, seja o mais próximo do que pensei até agora.

Posso encontrar, com um paciente, a possibilidade de falar dos seus aspectos infantis e dos adolescentes sempre e quando me encontre com um adulto, mas não só como uma aliança terapêutica, mas como uma posta em cena, uma personificação. Então, eu poderia falar a Carlos sobre Carlitos, digamos, ou, a Noemi sobre Nini, que é como a chamavam em pequena, armar personagens dentro da sessão, personagens a quem vou me dirigir. Essa é a minha maneira de me conectar com os aspectos mais infantis ou adolescentes de um paciente em uma sessão. Alguns se sentem muito feridos, ofendidos quando abordamos um aspecto seu infantil. Devemos poder lhes mostrar que há também o aspecto adulto e que estamos falando de um aspecto infantil a ser contado por aquele adulto. Creio ser esse o modo a que recorro na sessão para abordar o infantil.

Plateia – *Seguindo na pergunta anterior, o que poderia nos dizer sobre adultos com filhos adolescentes, adultos que adolecem, como se vivessem um terceiro estágio, entre infância e adolescência, e antes, como adultos pais, revivem essa adolescência de uma forma, às vezes, difícil de trabalhar em consultório? É como se trouxessem juntos os filhos em situações de atuação do tipo adolescente eclodidas pela adolescência dos filhos.*

Clara Nemas – Isto é sumamente interessante, mas acho que aí, sim, se vê o reflexo de uma situação social, porque eu penso que a nossa é uma sociedade muito *adolescentizada*. Nós a vemos em nosso consultório, mas, se a observamos em termos gerais, acho que o problema é a velha história. Lembram da crise da meia idade? O problema é que muitas vezes a adolescência dos filhos encontra os pais no momento da crise da idade adulta. Pais que transitaram durante a adolescência – Meltzer, por casualidade, diz o mesmo – como se tivessem atravessado um túnel, subido no metrô em algum lugar e descido no terminal sem passar pelas convulsões da adolescência.

Então formaram casais, e isso sim eu vejo muito, que chegam dizendo que veem com terror a adolescência dos filhos. Na verdade, são pacientes que formaram famílias como casas de bonecas, muito parecidas com seus valores, com a família da infância e depois não sabem o que fazer com os filhos. A turbulência da adolescência dos filhos os encontra muito deslocados. E não só na adolescência, já quando o bebê nasce se encontram deslocados. Contudo, a turbulência da adolescência lhes desperta algo que não conheceram de verdade em sua adolescência e que coincide com a crise da meia idade, quando há questionamentos muito parecidos com os da adolescência, porém com outro horizonte de futuro. Então, emerge a urgência, a urgência de atuar, a urgência de tudo o que não se viveu.

Muitas vezes, na adolescência, encontramos separações, atuações sexuais dos pais, pais que se vestem como os adolescentes. Eu tinha uma paciente dona de uma boate onde faziam também festas dos alunos do terceiro ano do ensino médio quando estava proibida a venda de álcool. Mas, caso fiscalizassem a venda de álcool na boate, o local seria interditado, pois a paciente me contou que havia pais que contrabandeavam bebidas alcoólicas no porta-malas dos carros que seriam levadas para dentro da festa. É uma convivência perversa. Devemos, então, ver o que acontece com cada situação com cada paciente, pois minha sensação é a de que há pais que não viveram a sua própria adolescência efervescente.



Clara Nemas – É muito interessante não [o quadro]? Como se escapa essa mãe? Ela evidentemente está em outra dimensão e percebam como essa criança trata de lhe atrair a atenção.

Plateia – *Poderia comentar um pouco mais sobre essa imagem? Ela tem um gesto também de sustentar o pé do bebê e de permitir que lhe toquem a boca.*

Clara Nemas – É verdade, há um certo apoio, ela não deixa o bebê resvalar, o sustenta, mas o sustenta como poderia sustentar algo. Tem os braços caídos. Depende do que transmite a cada um, eu imagino. A meu ver esse quadro, e o comentário do meu marido ademais, me impressionou muito, me trouxe muito a imagem do trabalho que os bebês têm às vezes. As mães, é claro, têm muito trabalho com eles, mas eles têm muito trabalho com as mães também.

Por vezes, se é trabalhoso alcançar a atenção, o contato, chegam a situações extremas para chamarem a atenção. Esse me parece ser outro tema que muitas vezes termina em tragédias na evolução, no desenvolvimento de um bebê. Um livro de uma italiana descreve a tragédia de um desenvolvimento que não se processa bem na observação de bebês. Mas, voltando ao trabalho do bebê com sua mãe, esse é igualmente imenso. De início, há o trabalho em conjunto para a produção do leite, para a amamentação. É algo muito importante, que o bebê colabore na produção do leite, se não chupa o seio, não há leite. É uma parceria. E é importante também, que o paciente, de sua parte, colabore conosco na produção de interpretações. Lembro um sonho de uma paciente no qual ela me trazia um monte de alimentos feitos com massas servidas em uma padaria. Era um sonho muito interessante do ponto de vista da imagem visual desta paciente. A interpretação que fiz foi que, assim como o que eu dizia poderia ser sentido por ela como um alimento, também o que ela me trazia era alimento para mim. Este sonho era um exemplo, era um alimento também. O trabalho pelo alimento é recíproco; esse é outro aspecto importante do trabalho analítico a ser pensado por nós: a parceria entre a mãe e o bebê.

Plateia – *Em sua opinião, ao falarmos de aspectos mais infantis ou adolescentes do paciente, não corremos o risco de hierarquizar ou atribuir um juízo de valor a esses aspectos, como se um paciente adulto devesse apenas ser adulto?*

Clara Nemas – Totalmente de acordo. Penso que, se eu falo para o paciente sobre o aspecto infantil ou sobre um aspecto adolescente, não o faço para que cresça, mas sim para que ele possa reconhecê-lo. Que possa reconhecê-lo e integrá-lo como uma parte lúdica e também como parte da sua curiosidade, como os tantos aspectos a ver com a integração de uma personalidade que reúne o infantil, o adolescente, o adulto nessa matriosca. Quando o paciente se ofende, talvez porque passamos para ele a nossa valorização de ser maduro, isso é outra questão. Porém, entendo que tenho um objetivo, trabalho em termos da integração para que, de alguma maneira, esses aspectos não fiquem cindidos, reprimidos. Não lembro agora de um exemplo direto comigo, mas lembro de um que li em Hanna Segal. Ela contava de uma paciente que buscou atendimento por estar desesperada porque não podia lidar com os ciúmes e a conduta dos três filhos dentro de casa. Era desesperador porque não conseguia manejar a conduta hostil das crianças, elas se comportavam muito mal e lhe era de todo impossível lidar com tal situação. Hanna Segal descobre, na análise, como essa mulher projeta seus aspectos infantis nos filhos, provocando situações de ciúmes e exclusão, gerando um clima de violência na rivalidade entre

as crianças. Assim, todo o desconcerto era produzido pela provocação vinda da conduta materna, que projetava nos filhos seus aspectos infantis.

Assim nós ajudamos os nossos pacientes a reconhecer os seus próprios aspectos infantis. Penso, mais uma vez, que este é um dos objetivos da análise: nos apossarmos de nossas experiências emocionais e não projetá-las. Estas projeções e identificações projetivas, que não são mais do que projeções em um objeto, têm um efeito real, e o efeito real se produz pela provocação. Ou seja, a provocação é o veículo pelo qual esta identificação projetiva tem efeito no objeto. Penso, pois, que tendemos ao reconhecimento dos aspectos infantis, que esses se integrem no resto da personalidade, tanto no que concerne à rivalidade, à hostilidade, quanto à curiosidade ou ao lúdico. □

Recebido em 03/06/2017

Aceito em 28/06/2017

Tradução de **Lunara Pilecco**

Revisão técnica de **Paulo Oscar Teitelbaum**

Clara Nemas

French 3023

1425 – Buenos Aires – Argentina

e-mail: claranemas@gmail.com

© *Clara Nemas*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA